



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB  
Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS  
Curso de Bacharelado em Direito / Curso de Bacharelado em Relações Internacionais

**EXTREMA DIREITA NOS ESTADOS UNIDOS: Importação de Discursos  
sobre Justiça Climática para o Brasil**

Brasília  
2024  
Angeli Lee Torres Santos

**ANGELI LEE TORRES SANTOS**

**Extrema Direita nos Estados Unidos: Importação de Discursos sobre  
Justiça Climática para o Brasil**

Artigo científico apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

Orientador(a): Fernanda Luiza Silva de Medeiros

Brasília  
2024  
Angeli Lee Torres Santos

Angeli Lee Torres Santos

**Extrema Direita nos Estados Unidos: Importação de Discursos sobre  
Justiça Climática para o Brasil**

Artigo científico apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

Orientador(a): Fernanda Luiza Silva de Medeiros

Brasília, \_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024.

BANCA AVALIADORA

---

Professor(a) Orientador(a)

---

Professor(a) Avaliador(a)



# **Extrema Direita nos Estados Unidos: Importação de Discursos sobre Justiça Climática para o Brasil**

Angeli Lee Torres Santos

## **Resumo**

Este estudo apresenta uma análise da importação dos discursos da extrema direita dos Estados Unidos, especialmente sobre justiça climática e negacionismo científico, para o contexto brasileiro. Ao utilizar uma abordagem teórica que combina estudos sobre comunicação política transnacional e o comportamento comum da extrema direita, o estudo examina algumas origens dos discursos extremistas e como lideranças utilizaram da narrativa nacionalista que configura o ativismo climático como ameaça econômica e ideológica. Esses discursos, adaptados ao Brasil, ganham força no agronegócio e entre figuras políticas, retratando as políticas climáticas globais como interferência estrangeira que violam a soberania nacional e limitam o desenvolvimento econômico. O trabalho conclui que a difusão dessas narrativas, ampliadas pelas redes sociais, promove a polarização e dificulta o avanço de políticas ambientais cruciais para o combate à crise climática.

**Palavras-chave:** extrema direita; justiça climática; teorias da conspiração; Estados Unidos; negacionismo climático.

## **Abstract**

This study presents an analysis of the importation of far-right discourses from the United States, particularly those concerning climate justice and scientific denialism, into the Brazilian context. Using a theoretical approach that combines studies on transnational political communication and common far-right behavior, the study examines the origins of extremist discourses and how leaders have employed nationalist narratives that frame climate activism as an economic and ideological threat. These discourses, adapted to Brazil, gain traction within agribusiness and among political figures, portraying global climate policies as foreign interference that violates national sovereignty and limits economic development. The study concludes that the diffusion of these narratives, amplified by social media, promotes polarization and hinders the progress of environmental policies crucial to combating the climate crisis.

**Key-words:** far right; climate justice; conspiracy theories; United States; climate denialism.

## **1. INTRODUÇÃO**

A ascensão da extrema direita nas últimas décadas tem chamado atenção no cenário político mundial, marcando um período de intenso debate sobre nacionalismo, identidade e soberania. No campo das políticas ambientais, esse espectro tem se posicionado de forma crítica, especialmente em países como os Estados Unidos, onde figuras influentes associam o ativismo climático a ameaças econômicas e ideológicas. Nesse contexto, a justiça climática, que busca combater as desigualdades no enfrentamento da crise climática, é comumente retratada como uma interferência indesejada nos interesses nacionais. Essa retórica tem mobilizado grupos políticos e alimentado desconfianças em relação à ciência climática, contribuindo para o fortalecimento de movimentos negacionistas.

No Brasil, as influências dos discursos importados ganham um terreno fértil em setores específicos que compartilham uma postura de resistência frente às pressões internacionais por conservação ambiental. A adaptação de narrativas da extrema direita norte-americana ao contexto brasileiro configura uma retórica que deslegitima políticas ambientais, defendendo a exploração de recursos naturais e manutenção da soberania nacional. O impacto da importação desses discursos é claramente amplificado pelas redes sociais que funcionam como um vetor eficiente para disseminação de ideias.

Este trabalho se orienta a partir da problemática de como os discursos da extrema direita norte-americana sobre justiça climática têm sido importados e adaptados para o contexto brasileiro. A investigação busca compreender onde nascem e por quais meios esses discursos são disseminados.

A pesquisa tem como objetivo principal a análise da transnacionalização dos discursos sobre justiça climática da extrema direita e a apropriação por atores políticos no Brasil. A análise identifica padrões comuns nos discursos dos dois países, mostrando como eles reforçam a resistência a políticas ambientais.

## **2. METODOLOGIA**

Este estudo utilizou uma abordagem qualitativa baseada na análise de discurso e revisão bibliográfica para investigar a adaptação dos discursos da extrema direita norte-americana sobre justiça climática e negacionismo científico ao contexto brasileiro. A revisão bibliográfica foi realizada com foco em obras e artigos acadêmicos sobre a extrema

direita, comunicação política transnacional e negacionismo climático, fornecendo um embasamento teórico para a análise de discurso.

Em seguida, a análise de discurso foi aplicada ao discurso sobre a retirada dos Estados Unidos do Acordo de Paris, proferido pelo então presidente Donald Trump. Também foi utilizada para trazer como exemplo figuras pertinentes, utilizando notícias e conteúdos midiáticos. Esse método possibilitou identificar padrões discursivos que retratam o ativismo climático como ameaça econômica e ideológica, destacando temas recorrentes, como a defesa da soberania nacional e ceticismo em relação às políticas ambientais.

### **3. MARCO TEÓRICO**

Para orientar a análise deste trabalho, serão estabelecidos três conceitos base. Combinando conceitos de comunicação política transnacional, teorias da conspiração e a ideologia da extrema direita, com foco no negacionismo climático e na defesa da soberania nacional frente às políticas ambientais. Essas abordagens permitem entender como as narrativas de figuras e movimentos da extrema direita nos Estados Unidos, que moldam a justiça climática como uma ameaça econômica e ideológica, são adaptadas ao contexto brasileiro. A comunicação política transnacional é explorada como um vetor que facilita a circulação de discursos polarizados, criando um ambiente fértil para o desenvolvimento e fortalecimento de resistências às políticas climáticas globais. Assim, o marco teórico oferece as ferramentas analíticas necessárias para compreender o processo de adaptação e propagação dessas narrativas no Brasil, focando-se nas consequências para o avanço de políticas ambientais essenciais para a mitigação da crise climática.

#### **3.1. Extrema direita**

Os termos políticos “esquerda” e “direita” nascem no período da Revolução Francesa em que a busca por um novo modelo de sociedade e organização política leva a Assembleia Nacional constituinte à seguinte divisão: à esquerda sentavam aqueles que se opunham ao poder monárquico e, à direita, os que apoiavam a continuação do poder do rei. O simbolismo do acontecimento histórico perpetuou a definição desses movimentos políticos. O movimento da esquerda busca constantemente a mudança das velhas sociedades, enquanto, a direita prefere a manutenção das tradições políticas e sociais.

Bobbio (1995) trata da matriz esquerda-direita como uma díade de termos antiéticos e reciprocamente excludentes. Diante o desenvolvimento do pensamento político durante os anos, a linha direita-esquerda que divide o universo político ganha novas nuances, mostrando que embora sejam opostos, a complexidade da matriz não os torna integralmente excludentes. Tornam-se comuns os movimentos de “centro-direita” e “centro-esquerda” que usam aspectos

mesclados de ambos os opostos a fim de encontrar um equilíbrio. Também, surgem aqueles que seguem a máxima de Bobbio. A “extrema-direita” e “extrema-esquerda” fundam movimentos radicais em seus espectros, excluindo seu opositor e reforçando sua narrativa em qualquer contexto político.

Terminologicamente, não há consenso entre os teóricos sobre a definição de extrema-direita. Portanto, no presente trabalho será utilizado a definição de Pirro (2022) para tratar da extrema-direita como um espectro completamente oposto à esquerda. Ao mesmo tempo, é um conceito guarda-chuva que abrange as complexidades das dinâmicas entre diferentes grupos políticos de direita que compartilham certos elementos centrais, como o nacionalismo, o autoritarismo e o nativismo.

Mudde (2019) discorre sobre conceituação da extrema-direita durante a história, concluindo que, durante muito tempo, o termo foi utilizado para definir a extrema-direita como hegemônica. Enxergando as complexidades e diversidade de movimentos, propõe uma distinção dentro deste guarda-chuva. A direita radical rejeita aspectos fundamentais do liberalismo, como os direitos das minorias, mas ainda opera dentro do sistema democrático atendendo a regra da maioria. Já a direita extrema, se opõe à própria democracia, defendendo abertamente regimes autoritários (Mudde, 2007). Essa abordagem demonstra compreensão da extrema-direita como um espectro, permitindo incluir movimentos que, embora operem de maneiras diferentes, compartilham valores que os mantêm dentro do guarda-chuva.

A flexibilidade do conceito de extrema-direita reflete a diversidade de grupos que se alinham sob essa categoria. Como observado por Arzheimer (2018), a ascensão de novos partidos de direita radical e extrema na Europa e nos Estados Unidos complicou ainda mais essa definição, pois muitos desses grupos, embora se oponham à imigração e defendam valores nativistas, não rejeitam explicitamente a democracia liberal.

Na era contemporânea, especialmente nos Estados Unidos, a extrema-direita tem se alimentado de um misto de frustrações econômicas e culturais. Daniel Bell (2001) argumenta que a direita radical americana é impulsionada por um sentimento de "despossuídos". Segundo Bell, esses grupos, que incluem pequenos empresários, elites militares e políticos de mentalidade rural, se veem ameaçados pelo Estado moderno e pelas mudanças sociais trazidas pela globalização e políticas progressistas, como o New Deal. Essa sensação de desposse é o que leva esses grupos a abraçarem teorias conspiratórias e a culparem responsáveis por essas transformações por suas dificuldades, criando um terreno fértil para o crescimento da extrema-direita.

Bell observa que a direita radical americana é movida não apenas por questões econômicas, mas também por uma profunda sensação de perda cultural e de status social. Ao perderem o que percebem como sua posição de destaque na sociedade, recorrem a um discurso de restauração da grandeza americana, o que os leva a rejeitar elites políticas e culturais, globalismo e os avanços tecnológicos que ameaçam seu estilo de vida tradicional. Esse sentimento de perda de status também se manifesta em sua resistência a questões como a igualdade racial, os direitos das minorias e, mais recentemente, as políticas ambientais globais.

### **3.2. Negacionismo climático**

O negacionismo climático é um fenômeno que emerge da interação entre desinformação, narrativas conspiratórias e interesses políticos e econômicos. Nos últimos anos, essa forma de negação tornou-se significativa, particularmente devido ao fortalecimento de movimentos conspiracionistas que promovem desconfiança em relação à ciência e às instituições globais. A crescente desconfiança, combinada com a polarização política e a disseminação de desinformação nas redes sociais, criou um terreno fértil para o negacionismo climático. Movimentos conspiracionistas usam narrativas de controle autoritário para enquadrar ações climáticas como parte de uma agenda globalista que ameaça a liberdade individual e a soberania nacional.

Segundo Tam e Chan (2023), as teorias da conspiração sobre as mudanças climáticas funcionam como uma forma de rejeição não apenas da ciência climática, mas também de outras instituições sociais percebidas como parte de um sistema global de controle. O negacionismo climático está frequentemente associado a uma mentalidade conspiratória mais ampla, que desconfia de qualquer narrativa promovida por elites políticas, mídia tradicional e cientistas. Esse tipo de mentalidade está enraizada em uma visão de mundo polarizada, onde a ciência climática é vista como uma ferramenta de poder político para controlar a população, e não uma resposta a uma crise ambiental.

O estudo destaca que a aceitação de teorias da conspiração sobre as mudanças climáticas pode ser alimentada por uma mentalidade conspiratória geral, caracterizada por uma suspeita constante de que eventos globais são manipulados por pequenas elites para seus próprios interesses. Isso ajuda a explicar por que o negacionismo climático tende a se sobrepor a outras formas de desinformação, como teorias sobre a pandemia da COVID-19 e a vacinação, criando um cenário onde diferentes conspirações reforçam umas às outras.

As redes sociais desempenham um papel crucial na propagação das teorias conspiratórias. Tam e Chan descrevem como plataformas digitais, como Facebook, YouTube e Twitter, permitem a formação de câmaras de eco, onde as narrativas conspiratórias sobre o clima se proliferam, isoladas de fatos verificáveis. O conceito de "câmaras de eco" é fundamental para entender como as narrativas conspiratórias e o negacionismo climático se propagam e se fortalecem, especialmente nas redes sociais.

As câmaras de eco nascem a partir de algoritmos que governam muitas das plataformas digitais, como Facebook, YouTube e Twitter. Esses algoritmos têm como objetivo maximizar o tempo que os usuários passam nas plataformas, promovendo conteúdos que alinhem com seus interesses e crenças. Ao identificar os padrões de navegação e engajamento de cada usuário, as plataformas sugerem conteúdo que provavelmente geram mais interações, normalmente, conteúdos que confirmam as opiniões já existentes do usuário.

Além dos algoritmos, a natureza das interações sociais nas redes também contribui para a formação de câmaras de eco. As pessoas tendem a se conectar com outras que compartilham crenças semelhantes. Assim, os grupos sociais em plataformas digitais muitas vezes consistem de indivíduos que reforçam mutuamente suas crenças, limitando a exposição a visões divergentes.

Outro aspecto central das câmaras de eco é o isolamento dos usuários de fatos verificáveis e de fontes confiáveis de informação. Nas redes sociais, a polarização política e os algoritmos dificultam que os usuários entrem em contato com informações que desafiam suas crenças. Mesmo que dados científicos sobre as mudanças climáticas estejam amplamente disponíveis, eles não chegam até aqueles que estão imersos em câmaras de eco conspiratórias.

Esse isolamento de informações verificáveis se intensifica pela forma como os conspiracionistas desacreditam fontes legítimas de informação. Narrativas que descrevem a ciência climática como corrompida ou politicamente motivada desestimulam os indivíduos a buscar dados de fontes confiáveis, como organizações científicas ou veículos de mídia respeitados. Dessa maneira, as câmaras de eco atuam tanto para reforçar as crenças conspiratórias quanto para deslegitimar qualquer alternativa informacional que possa desafiá-las.

Outro fenômeno relacionado às câmaras de eco é o tribalismo digital, onde as pessoas se agrupam em comunidades digitais baseadas em interesses ou visões de mundo compartilhadas. No caso do negacionismo climático, esse tribalismo se manifesta em grupos e fóruns em que a identidade de grupo é fortemente definida pela rejeição das mudanças climáticas ou pela crença em teorias conspiratórias.

Esse tribalismo digital tem um efeito duplo. Primeiro, ele promove um forte senso de pertencimento, onde a adesão ao grupo é reforçada pelo acolhimento de certas crenças por parte da comunidade. Em segundo lugar, ele cria uma hostilidade em relação a grupos externos que defendem políticas ambientais ou que apresentam evidências científicas sobre a crise climática, tendo a união reforçada por meio de um “inimigo comum”. Essa dinâmica intensifica a polarização e reduz a possibilidade de um diálogo construtivo entre diferentes pontos de vista.

O negacionismo climático também se baseia fortemente em narrativas de soberania nacional e resistência contra o controle externo. Bertin et al. (2021) identificaram um fenômeno conhecido como "narcisismo coletivo", onde a rejeição da ciência climática é motivada por um desejo de proteger a soberania nacional contra intervenções internacionais. Este fenômeno é evidente em discursos de líderes políticos e comentaristas que apresentam a justiça climática como uma ameaça ao modo de vida nacional, retratando iniciativas como o Acordo de Paris como formas de enfraquecer as economias e identidades nacionais.

Nos Estados Unidos, figuras públicas como Donald Trump e Tucker Carlson popularizaram essas narrativas, argumentando que as regulamentações ambientais e os compromissos climáticos internacionais são tentativas de minar a economia americana e impor restrições ao estilo de vida dos cidadãos. Este discurso, centrado em uma defesa de "liberdades individuais", alimenta a crença de que as políticas climáticas são, na verdade, uma forma de controle autoritário disfarçada.

Em suma, o negacionismo climático é um fenômeno complexo e interconectado com teorias da conspiração e desinformação. Movimentos conspiracionistas tiram proveito da crescente desconfiança nas instituições e das divisões políticas para promover narrativas que rejeitam a ciência climática e apresentam as políticas ambientais como ameaças à liberdade individual e à soberania nacional. As redes sociais têm amplificado essas narrativas, criando câmaras de eco e ambientes onde a desinformação prospera, isolando os indivíduos de informações verificáveis e dificultando ainda mais os esforços globais para enfrentar a crise climática.

### **3.3. Comunicação política transnacional**

A comunicação política transnacional de movimentos e grupos políticos reflete uma complexa rede de interações que atravessam fronteiras, integrando pessoas, ideias e mobilizações em diferentes contextos nacionais e culturais. Com o avanço das tecnologias de

comunicação e o crescente uso das mídias digitais, esses movimentos têm a capacidade de articular agendas políticas em escala global, criando novos cenários de mobilização.

Cogo (2010) explora como a comunicação cidadã transnacional se constrói a partir da combinação de redes sociais, tecnologias de comunicação e movimentos migratórios, favorecendo a emergência de uma cidadania intercultural e cosmopolita. Esses processos são facilitados pela descentralização das tecnologias digitais, permitindo que atores sociais possam se organizar de maneira mais colaborativa, mesmo estando em diferentes países.

Por outro lado, Völker (2019) também aborda a mobilização transnacional, destacando o papel das mídias na transformação pública. Aponta que a internet e outras formas de comunicação digital permitem uma deliberação política global, conectando indivíduos e grupos que antes estavam isolados por barreiras geográficas.

Ambos os autores convergem ao enfatizar que as novas tecnologias de comunicação são centrais para a criação de novas perspectivas políticas, onde as barreiras espaciais e culturais não são impeditivos. Atores sociais podem se organizar de maneira mais efetiva em torno de causas globais. Nesse sentido, a comunicação política transnacional não apenas facilita a circulação de informações, mas também gera novos modos de atuação política que desafiam as estruturas tradicionais de poder. Ao romper com a limitação das fronteiras nacionais, os movimentos sociais contemporâneos podem promover uma nova dinâmica de participação política que responde às demandas da globalização.

No entanto, ao mesmo tempo em que essas novas tecnologias de comunicação digital facilitam a criação de uma esfera pública transnacional, elas também são utilizadas por grupos de extremistas para propagar suas agendas, ampliando o alcance de suas mensagens e conectando seguidores em diferentes partes do mundo. Como argumentam Mudde e Kaltwasser (2017), a extrema-direita globalizou-se, utilizando plataformas digitais para ampliar discursos xenófobos e nacionalistas em escala transnacional, o que lhes permite adaptar suas narrativas a contextos locais, ao mesmo tempo em que mantêm uma rede de apoio internacional. Isso demonstra que a transnacionalização da comunicação política não é um fenômeno restrito a movimentos progressistas ou de resistência, mas também se aplica a agendas reacionárias e conservadoras.

Völker também argumenta sobre a disseminação de discursos extremistas pelo meio digital. Para a autora, a disseminação ocorre devido à estrutura e dinâmica das redes sociais, que favorecem a amplificação e circulação de conteúdos polarizados. As plataformas sociais permitem que figuras com ideologias extremas alcancem grandes audiências sem moderação adequada, criando espaços onde discursos provocativos e desinformação proliferam com

facilidade. Essa disseminação transcende fronteiras nacionais, facilitando a organização e fortalecimento de redes de pensamento extremista que podem desafiar as estruturas democráticas e gerar um ambiente político hostil.

Assim, enquanto Cogo ressalta o papel positivo das novas mídias na formação de uma esfera pública transnacional e na criação de novas formas de participação política, é essencial reconhecer que essas mesmas tecnologias são igualmente utilizadas por movimentos de extrema-direita para articular agendas antidemocráticas. A comunicação política transnacional, portanto, se revela um fenômeno ambivalente, capaz tanto de promover a cidadania global quanto de fortalecer ideologias excludentes. Nesse sentido, torna-se imprescindível uma análise crítica sobre o impacto das mídias digitais na estruturação das práticas políticas contemporâneas, levando em consideração tanto suas potencialidades quanto seus riscos.

#### **4. EXTREMA DIREITA NOS ESTADOS UNIDOS**

Dado o entendimento dos aspectos gerais da extrema direita, como o conservadorismo em face aos direitos fundamentais e a aversão a alteridade, devemos focar o cenário a ser analisado. A extrema-direita costuma seguir uma sólida linha ideológica, no entanto, toma diferentes formas ao redor do mundo. Focando a presente análise no âmbito dos Estados Unidos, é necessário discorrer sobre aspectos e bases específicas deste território. Como afirma Pitcavage (2019), a extrema direita se fortalece ao concentrar seus discursos em problemas específicos, geralmente, de caráter moral e ideológico como raça, imigração e aborto. Em momentos específicos, o caráter econômico também se destaca, principalmente em termos de proteção da economia nacional frente a ameaças globais percebidas, um reflexo direto do nativismo presente nessas ideologias.

Ao tentar revelar a “face” da extrema direita estadunidense, o caráter supremacista branco é facilmente identificado em discursos de movimentos e seus representantes. Karnal et al. (2017) dissertam sobre a realidade das raízes no século XIX. Durante a Guerra Civil (1861-1865), quando a União torna-se um palco de batalhas entre os estados do Sul, agrários e escravistas e do Norte, industrializados e abolicionistas. Os estados do Sul tinham como bases de sua economia o algodão e o mercado de escravizados. Com o Norte ganhando força política, os estados do Sul temiam pela perda da mão de obra escrava que impulsionava a economia da região. A escalada de tensões políticas entre as regiões resultou na Guerra Civil, formando ao lado Sul as tropas dos Estados Confederados da América. O período significou o

colapso dos Confederados, que por sua vez, dispendo de recursos humanos e militares limitados em comparação às tropas do Norte, perderam a guerra drasticamente.

Nesse contexto, impulsionado também por ideias segregacionistas, surgiram movimentos de extermínio da população negra visando a hegemonia branca. A mais conhecida, Ku Klux Klan (KKK) é um movimento que combatia tanto pessoas negras quanto “brancos liberais” a favor do fim da segregação. O movimento não se sustentava apenas pelo caráter supremacista, mas também se posicionava moralmente contra a população negra, colocando-se como ideal de costumes e moral cristã. A KKK atravessou décadas de altos e baixos em seu fortalecimento como movimento combativo de extrema-direita, seus altos costumam vir à tona em momentos de ameaça ao status quo da população conservadora estadunidense (KARNAL et al., 2007).

O nativismo, uma característica marcante da extrema direita estadunidense, é uma ideologia que busca proteger os interesses dos nativos, frequentemente em detrimento dos imigrantes, minorias étnicas e da integração cultural fomentada pela globalização. De acordo com Mudde (2019), o nativismo é central para o nacionalismo populista de direita, especialmente nos EUA, onde está historicamente associado ao desejo de manter o poder político e econômico nas mãos da população branca anglo-saxã protestante. Esse fenômeno se intensifica em períodos de aumento da imigração ou mudanças demográficas que ameacem essa hegemonia. Um exemplo claro disso foi a campanha de Donald Trump em 2016, que capitalizou sobre essas ansiedades com o slogan "Make America Great Again", que, segundo Bonikowski (2017), apelava implicitamente à preservação de uma América predominantemente branca e cristã.

Outro aspecto central da extrema-direita nos EUA é o negacionismo científico, especialmente em relação a questões climáticas e de saúde pública. Para Oreskes e Conway (2010), o negacionismo científico é uma estratégia política usada para questionar ou distorcer evidências científicas a fim de proteger interesses econômicos e ideológicos. No contexto da extrema-direita, esse negacionismo não se limita à ciência climática, mas também abrange temas como vacinas e pandemias, como observado durante a pandemia de COVID-19. Durante esse período, teorias conspiratórias sobre a origem do vírus e a eficácia das vacinas ganharam força, exemplificando o uso da desinformação para deslegitimar especialistas e fomentar desconfiança nas instituições científicas.

Ao abordar as conspirações que permeiam esses movimentos, nos deparamos com uma característica que se tornou central na extrema-direita estadunidense nos últimos anos. Grupos como o QAnon, como analisado por LaFrance (2020), promoveram teorias

conspiratórias que envolvem elites globais, pedofilia e o controle secreto de governos por agentes corruptos. Essas teorias são poderosas porque, de acordo com Barkun (2013), oferecem explicações simplistas para crises complexas, ajudando a mobilizar uma base ideológica ao redor de uma visão maniqueísta de um conflito entre o "bem" e o "mal".

Essas conspirações atuam como um catalisador que une diferentes pautas, desde o nativismo até o negacionismo climático, sob uma desconfiança comum em relação às instituições democráticas, científicas e liberais. Como afirma Sunstein (2016), o papel dessas teorias é essencial para compreender como a extrema-direita se reorganiza e amplia sua base de apoio, oferecendo uma narrativa coesa e fácil de entender para seus seguidores. Assim, o estudo dessas conspirações pode revelar novas dimensões sobre como essas narrativas afetam as percepções públicas e políticas globais, particularmente no cenário contemporâneo.

Para aprofundar essa análise, é importante destacar a conexão entre as teorias da conspiração e o ceticismo climático. As teorias da conspiração relacionadas às mudanças climáticas têm se tornado um obstáculo significativo para os esforços de mitigação e adaptação às consequências ambientais. Essas teorias, que incluem a noção de que a mudança climática é uma farsa perpetrada por cientistas ou elites globais, ajudam a deslegitimar o consenso científico, prejudicando a confiança pública nas instituições e nas evidências científicas.

O estudo de Tam e Chan demonstra que a crença em conspirações climáticas está fortemente associada a uma "mentalidade conspiracionista geral", na qual indivíduos tendem a desconfiar de múltiplas áreas da ciência e da política. Essa visão distorcida é particularmente prevalente entre grupos de direita que veem a narrativa do aquecimento global como uma ameaça à sua autonomia política e econômica. Além disso, a interseção entre as teorias conspiratórias sobre o clima e outras conspirações, como as relacionadas à COVID-19, reflete a crescente coesão entre os movimentos anti-ciência.

O aumento de pesquisas sobre a relação entre as teorias da conspiração e a mudança climática revelou que essas crenças influenciam negativamente o comportamento ambiental e a disposição para apoiar políticas de mitigação. O impacto de tais crenças é profundo, pois muitas vezes desencoraja a ação política e individual, promovendo uma inação frente à crise climática. Essas teorias conspiratórias se espalham rapidamente, sobretudo nas redes sociais, criando bolhas de desinformação que são difíceis de romper.

Esse panorama reflete o poder mobilizador das conspirações dentro da extrema-direita, agindo como um elemento unificador entre diferentes vertentes ideológicas e gerando uma oposição não apenas à ciência, mas também a qualquer forma de controle estatal

ou governança global. Isso reforça a importância de estudar a disseminação dessas teorias e seu impacto nas políticas públicas, especialmente no contexto das mudanças climáticas, em que a urgência por ação se choca com a negação e a inércia sustentadas por tais discursos conspiratórios .

## **5. EXTREMA DIREITA NOS ESTADOS UNIDOS E A JUSTIÇA CLIMÁTICA**

O discurso da extrema direita estadunidense em torno da justiça climática está profundamente enraizado em uma mistura de negacionismo científico, populismo nacionalista e teorias conspiratórias. A justiça climática, ao tratar das desigualdades sociais que exacerbam os impactos das mudanças climáticas, é frequentemente retratada por esses grupos como uma ameaça à soberania nacional e progresso econômico. O argumento central é que as políticas ambientais globais são uma tentativa de controle dos Estados Unidos.

Um exemplo claro desse posicionamento é o discurso de Tucker Carlson, ex-apresentador da Fox News, uma figura central no movimento de extrema direita estadunidense. Carlson tem sido um crítico das políticas climáticas, frequentemente afirmando que a crise climática é uma fraude usada para justificar a intervenção governamental e controlar a vida das pessoas. Em seu programa, Carlson sugeria que os esforços para combater o aquecimento global são uma tentativa de elites globais para impor um estilo de vida "verde" e destruir o modo de vida tradicional americano. Carlson argumentava que a verdadeira ameaça não era o clima, mas sim a "tirania climática" imposta por burocratas liberais e organizações internacionais como a ONU (Fisher e Berger, 2023).

De acordo com Barkun, as teorias conspiratórias como as que Carlson frequentemente promovia oferecem uma simplificação de problemas complexos, criando uma narrativa na qual o cidadão comum está sob ataque de elites externas. No caso de Carlson, ele moldava as questões climáticas em termos de liberdade individual, alertando seu público que as regulamentações ambientais não eram apenas sobre salvar o planeta, mas sobre tirar liberdades essenciais. Ele frequentemente sugeria que o consenso científico em torno das mudanças climáticas era manipulado por interesses globais que buscavam prejudicar a economia americana, particularmente suas indústrias de carvão e petróleo.

Movimentos conspiracionistas como o QAnon também reforçam essa narrativa ao sugerirem que a crise climática é parte de uma agenda maior de controle governamental. Para muitos seguidores do QAnon, a mudança climática é vista como uma narrativa falsa usada por

um suposto grupo de elites corruptas para justificar a criação de um governo global que retiraria as liberdades civis e econômicas dos cidadãos. Barkun também aponta o caráter dualista, onde há o “bem” (representado pelos nacionalistas e defensores da liberdade individual) contra o “mal” (as elites globais que supostamente conspiram para controlar o mundo).

O negacionismo climático também é uma característica central na retórica de Carlson e de outros representantes da extrema direita. Oreskes e Conway (2010) argumentam que o negacionismo científico, incluindo a negação das mudanças climáticas, é uma estratégia deliberada para proteger interesses econômicos, especialmente os de indústrias poluentes. Carlson frequentemente desacreditava os cientistas do clima, retratando-os como cúmplices de uma conspiração maior, interessados em destruir a economia americana e forçar um estilo de vida mais restritivo à população. Ele utiliza a estratégia de reforçar a desconfiança entre seus seguidores e ampliar a polarização sobre o tema climático.

A narrativa de Carlson e de outros porta-vozes da extrema direita não apenas desacredita a ciência climática, mas também afeta diretamente a forma como o público americano enxerga a necessidade de ação frente à crise climática. A desconstrução das evidências científicas em prol de um discurso que prioriza a liberdade individual e o nacionalismo econômico contribui para a bolha política, dificultando a implementação de políticas ambientais mais efetivas.

O ceticismo em relação às mudanças climáticas é amplamente difundido entre os grupos de direita, que veem as regulamentações ambientais como uma ameaça à sua autonomia política e econômica (Tam e Chan, 2023). O negacionismo não apenas impede o avanço de políticas de mitigação climática, mas também reforça a ideia de que as mudanças climáticas não são uma prioridade real, alimentando a crença de que a crise é fabricada ou exagerada por razões políticas.

### **5.1. Donald Trump: A Conspiração Globalista e a Soberania Nacional**

A análise do discurso de Donald Trump em sua fala de 1º de junho de 2017, quando anunciou a saída dos EUA do Acordo de Paris, revela um exemplo de como os discursos políticos podem ser construídos para moldar a percepção pública em torno de narrativas de soberania nacional, economia e desconfiança em relação às elites globais. Utilizando uma retórica populista e conspiratória, Trump constrói uma narrativa em que as políticas climáticas globais são vistas como ameaças diretas à economia e à identidade americana.

A retórica de Trump se concentra principalmente na proteção da soberania americana e na ideia de que o Acordo de Paris é prejudicial ao povo americano, especialmente aos trabalhadores das indústrias tradicionais, como carvão e aço. Essa delimitação clara entre “nós” e “eles” é sua estratégia retórica. O discurso de Trump utiliza várias representações que definem o clima como uma questão de soberania e economia, e não como um problema ambiental. Ele estrutura o Acordo de Paris como uma "armadilha" econômica, onde os EUA são injustamente penalizados enquanto outros países, como China e Índia, se beneficiam sem compromissos similares. Sua escolha de palavras como “injusto” e “desvantagem econômica” visa reforçar a ideia de que os EUA são explorados por interesses globais.

Ao longo do discurso, Trump conecta sua crítica ao Acordo de Paris com uma narrativa maior de vitimização dos EUA em acordos internacionais. Ele contrasta os "trabalhadores americanos" e o "povo esquecido" com as "elites globais", que supostamente utilizam o Acordo de Paris para redistribuir a riqueza dos Estados Unidos para outros países.

Além disso, Trump posiciona o Acordo de Paris como uma questão de competitividade econômica, distorcendo o propósito ambiental do acordo para representar os outros países como adversários econômicos que se beneficiam injustamente. Também, explora sentimentos de nostalgia e orgulho nacional, invocando imagens de cidades como Youngstown, Ohio, e Detroit, Michigan, que já foram símbolos de prosperidade industrial, e as contrastando com Paris, como se o bem-estar dessas cidades fosse sacrificado em prol de uma agenda ambiental globalista.

Culturalmente, seu discurso é profundamente enraizado no contexto de uma América que se vê em declínio industrial e econômico, onde ele apela aos sentimentos de perda e ressentimento em relação à globalização. Ao prometer "fazer a América grande novamente", Trump articula uma narrativa de restauração econômica, onde a saída do Acordo de Paris é apresentada como um passo essencial para recuperar a soberania e o controle econômico dos EUA. Utilizando a narrativa de que a América sempre foi um líder na proteção ambiental, reforçando a ideia de que os EUA não precisam de um acordo internacional para manter suas práticas ambientais. Essa posição reflete uma visão neoliberal onde a intervenção governamental, especialmente em questões ambientais, é vista como um obstáculo ao progresso econômico.

## **6. A IMPORTAÇÃO DOS DISCURSOS ESTADUNIDENSE PARA MOVIMENTOS BRASILEIROS**

No Brasil, o discurso sobre justiça climática da extrema direita importa certas retóricas dos Estados Unidos, ajustadas para se alinhar às particularidades sociais, econômicas e políticas do país. Movimentos e figuras desempenham um papel central na difusão dessas narrativas, que frequentemente desacreditam a ciência climática e retratam as políticas ambientais globais como ameaças à soberania nacional e aos interesses econômicos locais.

Nos Estados Unidos, a negação das mudanças climáticas é uma característica consolidada do discurso de extrema direita, rejeitando a responsabilidade humana sobre o aquecimento global e vinculando políticas climáticas a uma agenda globalista que supostamente prejudica a economia norte-americana. No cenário brasileiro, essa retórica foi amplamente absorvida, especialmente por setores do agronegócio e por políticos da bancada ruralista, que rejeitam as pressões internacionais por proteção ambiental como uma forma de interferência nos direitos soberanos do Brasil de explorar seus recursos naturais e se desenvolver economicamente.

Enquanto nos Estados Unidos o debate climático é frequentemente travado em torno da proteção da indústria de combustíveis fósseis, no Brasil a questão ambiental está mais intimamente ligada à exploração da Amazônia e à expansão do agronegócio. Em 2022, Eduardo Bolsonaro, considerado um dos porta-vozes da extrema direita brasileira, afirmou que as mudanças climáticas são farsas, apontando como “plano diabólico” para implementar o socialismo no mundo. Esta afirmação remete diretamente a ideia do dualismo do “bem contra o mal”, além do teor conspiracionista que incita um plano de elites políticas para implementação de uma nova ordem dominante. Indo além, Bolsonaro também afirma que a Amazônia é uma “área estratégica” que deve ser utilizada para o crescimento econômico nacional. A lógica se assemelha à adotada pela extrema direita nos EUA, que trata as políticas climáticas como instrumentos de controle de elites globais, mas adaptada ao contexto brasileiro, onde o desmatamento e a exploração da terra são os principais pontos de tensão.

Entidades representativas do movimento como Brasil Paralelo amplificam essa narrativa. Por meio do documentário “Cortina de Fumaça” (2016), a produtora Brasil Paralelo dissemina a ideia de que a questão climática é uma “farsa” promovida por ONGs internacionais e para subordinar o Brasil a interesses estrangeiros. Ao desacreditar a ciência climática, esses grupos promovem a visão de que as políticas de justiça climática não passam de desculpas para barrar o progresso econômico do país. Esse discurso encontra eco em setores do agronegócio, predominantes no cenário político brasileiro, que veem as regulamentações ambientais como ameaças diretas à expansão de suas atividades.

Outra adaptação notável da retórica climática importada dos EUA para o contexto brasileiro é a ideia de que o país está sob ataque de potências estrangeiras interessadas em controlar a Amazônia. Essa teoria, propagada tanto por Bolsonaro quanto por figuras como o ex-ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, transforma questões ambientais em uma batalha pelo desenvolvimento econômico. Diferente dos Estados Unidos, onde o foco está no fortalecimento de indústrias como o petróleo e gás, no Brasil a defesa da soberania se materializa na exploração agressiva da floresta amazônica, promovida como essencial para o desenvolvimento do país.

## **7. CONCLUSÃO**

Este trabalho chega à conclusão de que os discursos de extrema direita dos Estados Unidos, focados na justiça climática, encontram no Brasil um ambiente receptivo para serem adaptados e disseminados por movimentos e representantes do espectro, ganhando contornos específicos que condizem com interesses políticos e econômicos locais. No Brasil, esses discursos assumem uma roupagem de defesa da soberania nacional e valorização do desenvolvimento econômico.

Essas narrativas se moldam aos interesses de setores dominantes, como o agronegócio, que veem na regulamentação ambiental uma ameaça ao crescimento econômico e à exploração de recursos naturais. O discurso de que o ambientalismo internacional constitui uma forma de controle estrangeiro sobre o Brasil se mostra condizente àquele comum em movimentos de extrema direita estadunidense. O argumento da soberania nacional também é utilizado em ambos contextos, no Brasil, como justificativa para a defesa de práticas políticas que privilegiam a exploração dos recursos naturais em prol de uma autonomia nacional.

As redes sociais demonstram serem um dos principais vetores para ampliação desse discursos adaptados, propagando rapidamente informações distorcidas e criando um ambiente de polarização e desconfiança em relação à ciência climática. Com um apelo pela simplicidade das conclusões, a comunicação atinge o público de maneira eficaz, gerando câmaras de eco que reforçam visões polarizadas e consolidam visões negativas das iniciativas ambientais.

O estudo demonstra que a importação desses discursos cria uma retórica nacionalizada que se opõe aos compromissos globais e à sustentabilidade, representando um obstáculo para o avanço de políticas públicas ambientais no Brasil. Conclui-se que é fundamental desenvolver estratégias de comunicação para enfrentar a desinformação

climática e valorizar a ciência, promovendo uma compreensão mais fundamentada sobre a urgência da crise climática no país.

## BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Borges *et al.* Negacionismo e Mudanças Climáticas. **Revista de Ciências Humanas**, 2022. Disponível em: <https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/922/455>. Acesso em: 02 out. 2024.

ARZHEIMER, Kai. Conceptual Confusion is not Always a Bad Thing: The Curious Case of European Radical Right Studies. **Demokratie und Entscheidung**, 2018. Disponível em: <https://www.kai-arzheimer.com/conceptual-confusion-european-radical-right-studies/>. Acesso em: 31 ago. 2024.

BARAKUN, Michael . **A Culture of Conspiracy: Apocalyptic Visions in Contemporary America**. 2. ed. University of California Press, 2013. v. 15.

BELL, Daniel. **The Radical Right**. 3. ed. Routledge, 2001.

BERTIN, Paul *et al.* Stand out of my sunlight: The mediating role of climate change conspiracy beliefs in the relationship between national collective narcissism and acceptance of climate science. **Group Processes & Intergroup Relations**, 2021. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/353714857\\_Stand\\_out\\_of\\_my\\_sunlight\\_The\\_mediating\\_role\\_of\\_climate\\_change\\_conspiracy\\_beliefs\\_in\\_the\\_relationship\\_between\\_national\\_collective\\_narcissism\\_and\\_acceptance\\_of\\_climate\\_science](https://www.researchgate.net/publication/353714857_Stand_out_of_my_sunlight_The_mediating_role_of_climate_change_conspiracy_beliefs_in_the_relationship_between_national_collective_narcissism_and_acceptance_of_climate_science). Acesso em: 05 set. 2024.

BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda**. 3. ed. São Paulo: Unesp, 2012.

BONIKOWSKI, Bart. Ethno-nationalist populism and the mobilization of collective resentment. **The British Journal of Sociology**, 2017. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1468-4446.12325>. Acesso em: 16 set. 2024.

CARTER, Elisabeth . Right-wing extremism/radicalism: reconstructing the concept. **Journal of Political Ideologies, Ano da Publicação**. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/epdf/10.1080/13569317.2018.1451227?needAccess=true>. Acesso em: 02 out. 2024.

COGO, Denise. A Comunicação cidadã sob o enfoque do transnacional. **Intercom**, 2010. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1IwvCnjQKn0rFaS3zJlzV8jERFwtNer8f/view>. Acesso em: 09 set. 2024.

CORTINA de Fumaça . Brasil Paralelo, 2021. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=hPTlsV2lmBw>. Acesso em: 02 out. 2024.

ESTADOS UNIDOS. Presidente (2017-2021: Donald Trump). **Statement by President Trump on the Paris Climate Accord**. Washington DC, 01 de junho. 2017. Disponível em:  
<https://trumpwhitehouse.archives.gov/briefings-statements/statement-president-trump-paris-climate-accord/>. Acesso em: 10 de out.2024.

FISHER, Allison; BERGER, Ilana . How Tucker Carlson was a terrible and effective megaphone for climate misinformation. **Media Matters for America**, 2023. Disponível em:  
<https://www.mediamatters.org/climate-deniers/how-tucker-carlson-was-terrible-and-effective-megaphone-climate-misinformation>. Acesso em: 14 out. 2024.

FORD, Matt. The 'Far Right' in America: A Brief Taxonomy. **The Atlantic**, 2017. Disponível em:  
<https://www.theatlantic.com/politics/archive/2017/01/far-right-taxonomy/509282/>. Acesso em: 03 out. 2024.

HENLEY, Jon. Populist, nativist, neofascist? A lexicon of Europe's far right. **The Guardian**, 2022. Disponível em:  
<https://www.theguardian.com/world/article/2024/jun/18/populist-nativist-neofascist-a-lexicon-of-europes-far-right>. Acesso em: 02 out. 2024.

KARNAL, Leandro *et al.* **História dos Estados Unidos: Das origens ao século XXI**. Contexto, 2007.

KLOTZ, Audie ; PRAKASH, Deepa. **Qualitative Methods in International Relations: A Pluralist Guide**. Palgrave MacMillan, 2008.

LAFRANCE, Adrienne. The Prophecies of Q. **The Atlantic**, 2020. Disponível em:  
<https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2020/06/qanon-nothing-can-stop-what-is-coming/610567/>. Acesso em: 01 out. 2024.

MUDDE, Cas. **Populist Radical Right Parties in Europe**. Cambridge University Press, 2007.

MUDDE, Cas. **The Far Right Today**. 1. ed. , Polity, 2019.

MUDDE, Cas; KALTWASSER, Cristobal R.. **Populism: A Very Short Introduction**. 2. ed. Oxford University Press, 2017.

ORESQUES, Naomi; CONWAY, Erik M.. **Merchants of Doubt: How a Handful of Scientists Obscured the Truth on Issues from Tobacco Smoke to Climate Change**. Bloomsbury Publishing; Reprint edition, 2011.

PIRRO, Andrea L. P. Far right: The significance of an umbrella concept. **Nations and Nationalism**, v. 29, ed. 1, p. 101-112, 2022. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/nana.12860>. Acesso em: 29 de agosto de 2024

PITCAVAGE, Mark. Surveying the Landscape of the American Far Right. **Program on Extremism, The George Washington University**, 2019. Disponível em: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://extremism.gwu.edu/sites/g/files/zaxdzs5746/files/Surveying%20The%20Landscape%20of%20the%20American%20Far%20Right\\_0.pdf](chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://extremism.gwu.edu/sites/g/files/zaxdzs5746/files/Surveying%20The%20Landscape%20of%20the%20American%20Far%20Right_0.pdf). Acesso em: 11 set. 2024.

SUNSTEIN, Cass R.. **Conspiracy Theories and Other Dangerous Ideas**. Simon & Schuster, 2016.

TAM, Kim Pong; CHAN, Hoi Wing. Conspiracy theories and climate change: A systematic review. **Journal of Environmental Psychology**, v. 91, 2023. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0272494423001779>. Acesso em: 04 set. 2024.

TIGUE, Kristoffer. Tucker Carlson Spread Lots of Climate Misinformation. His Replacement Isn't Much Better. **Inside Climate News**, 2023. Disponível em: <https://insideclimatenews.org/news/21072023/tucker-carlson-jesse-watters-fox-news-climate-misinformation/>. Acesso em: 09 out. 2024.